

### AGOSTO

#### Céu claro, baixa umidade e alto risco de fogo

Agosto, auge do inverno no Hemisfério Sul, é marcado pela seca, céu sem nuvens e extremos de temperatura, com noites frias e dias de sol quente. No Brasil tropical é também o auge da temporada de fogo. Em todo o Centro-Sul do país, colunas de fumaça marcam a paisagem. Ao longo do mês, o fogo vai progredindo para o norte, pela Amazônia e sertão do Nordeste, onde quer que haja vegetação alterada pelo homem, sejam florestas, cerrados, caatingas, capões ou campos. A fumaça deixa um rastro de névoa seca acinzentada no horizonte e torna o entardecer mais vermelho. Este ano, no outono, fez frio. No início do inverno, a temperatura subiu. E o estoque de chuva parece ter se esgotado no primeiro semestre, em algumas regiões, num panorama nada estável. Na verdade, nenhuma estação é uniforme neste país tropical e de dimensões continentais. Estimuladas pela umidade, algumas plantas já investiram toda sua energia em floradas intensas. E capins e ervas rebrotam rapidamente onde a chuva veio, espalhando um verde novo em meio ao carvão, num confuso mosaico de cores. Em resumo, tudo o que se pode realmente afirmar é que o cenário é muito diverso do branco matemático dos invernos em regiões temperadas, da neve silenciosa entremeada de árvores nuas, cantada em prosa e verso, em todo tipo de mídia.



Caracara plancus

#### Oportunistas das chamas

Nos cerrados e em áreas de vegetação aberta, predadores oportunistas se beneficiam das frentes de fogo e saem atrás de presas em fuga, expulsas de suas tocas e esconderijos habituais pelas queimadas e incêndios. Não é raro ver gaviões e corujas caçando nessas frentes de fogo e pelo menos uma espécie - o caracará (*Caracara plancus*) - é popularmente chamado de gavião-de-queimada. Existem mesmo lendas que lhe atribuem o início dos incêndios acidentais em áreas secas,

para as quais ele levaria galhos ardentes nas garras. Grande e imponente, com até 60 cm de altura, o caracará é uma das aves mais comuns também na margem das rodovias, onde disputa com os urubus os restos de animais atropelados. Apesar de desvalorizada, a faxina de ambas as aves é um grande favor prestado ao restante das espécies, incluindo o homem, pois evita a disseminação de doenças e a contaminação biológica das águas que eventualmente corram por perto.



## Falsa neve

Se a verdadeira neve, no Brasil, é uma realidade rara, que só de vez em quando chega às serras do Sul, em agosto um outro branco suave cobre a vegetação ressecada dos cerrados. É a paina, que agora se desprende dos frutos ovais das paineiras (*Chorisia speciosa*), carregando para longe da árvore mãe as sementes envoltas em uma penugem macia. Há quem recolha a fibra para enchimento de travesseiros e acolchoados. Algumas aves – vários beija-flores entre elas – também aproveitam a matéria-prima para forrar os ninhos, antecipando as construções da primavera.

## Perdidos no mar

No litoral, as correntes frias vindas da Antártica às vezes trazem alguns pingüins jovens que percorrem distâncias imensas, arrastados por tempestades e fortes ventos. Saem tanto de suas rotas de migração que não conseguem voltar e acabam exaustos nas praias brasileiras. O mais comum é o pingüim-de-Magalhães (*Spheniscus magellanicus*), natural da Patagônia argentina. Mas as correntes podem carregar também um ou outro pingüim-de-testa-amarela (*Eudyptes chrysolophus*) e o pingüim-de-penacho-amarelo (*E. crestatus*), espécies que nidificam nas Ilhas Malvinas.

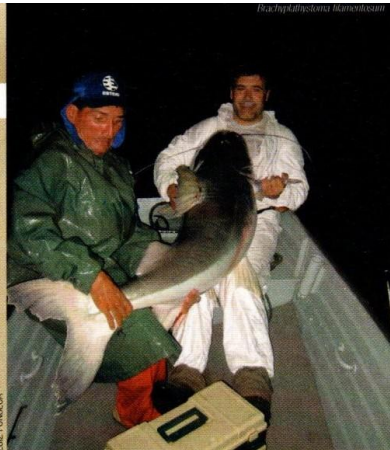
## Ovos na vazante

Nas baixas latitudes, seja Amazônia ou Nordeste, o calor mais seco estimula a postura do lagarto verde (*Iguana iguana*), nas areias descobertas pela vazante dos rios. Assim que nascem, os filhotes se alimentam de insetos, porém, aos poucos, acrescentam folhas ao seu cardápio. A dieta básica dos adultos é composta por folhas. No Pantanal, os jaca-

rés (*Caiman yacare*) também põem seus ovos, em média 20 a 25, em montículos feitos de solo e restos de vegetação. As ninhadas às vezes são compartilhadas entre as fêmeas e pode ocorrer de uma fêmea assumir a guarda dos filhotes de outra. Os principais predadores dos ovos são os lagartos teiús (*Tupinambis merianae* e *T. teguixin*), capazes de causar grandes baixas.



ALVARO DANIELETTI



LUZ FORSECA

## "Mãe dos peixes"

Na bacia do Araguaia, agosto é tempo bom para fisgar peixes grandes, entre eles o filhote, como é chamada a piraíba de até 60 kg. Passadas as férias, saem os turistas e pescadores que lotavam as "praias" do Araguaia e espantavam os peixes, tamanha a movimentação de gente e de barcos. Com persistência, equipamento adequado, técnica e sorte, é possível fisgar a piraíba, a "mãe dos peixes". A piraíba (*Brachyplatystoma filamentosum*) pode passar dos 2 metros e chegar aos 300kg. Mas quem conseguir fisgar um gigante de 100 kg que se dê por satisfeito e não esqueça de fotografar ou filmar a façanha!

No Centro-Oeste e no Norte, este ano, o mais provável é que o pescador encontre, em agosto, as mesmas condições de julho. Os rios ficaram cheios praticamente o semestre todo. Agora estão na calha e a água está limpa.

Ainda saem os peixes fisgados também com o rio cheio: os de couro (jaú, pirarara, piraíba, cachara, jundiá, barbado, palmito, caparari) e os de escamas (matrinxã, bicuda, cachorra, pacu, corvinas e tambaqui). Água limpa também nas lagoas. Nas bocas e no interior delas, a época é boa para fisgar as várias espécies de tucunará, trairões e jacundás.

E mesmo que o frio não seja rigoroso, as águas das montanhas de Minas (principalmente no sul do estado), da região de Campos do Jordão (SP) e do Sul do país não negam a truta arco-íris e o black bass. No Sul, na pescaria de mar, é tempo de tainha. Onde a água estiver fria, elas aparecem.

LIANA JOHN E VALDEMAR SIBINELLI